

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

Claudia Schramm Scaramussa

**A SÉRIE “MAID” E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA
MULHERES:
UM OLHAR DA TERAPIA DO ESQUEMA**

Santa Maria, RS

2023

Claudia Schramm Scaramussa

**A SÉRIE “MAID” E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES:
UM OLHAR DA TERAPIA DO ESQUEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Psicologia, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para a obtenção do diploma de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Samara Silva dos Santos

Santa Maria, RS

2023

Claudia Schramm Scaramussa

**A SÉRIE “MAID” E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES:
UM OLHAR DA TERAPIA DO ESQUEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Psicologia, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para a obtenção do diploma de
Bacharel em Psicologia

Aprovado em 25 de janeiro de 2023.

**Samara Silva dos Santos, Dra. (UFSM)
Presidenta/Orientadora**

Márcia Elisa Jager, Psicóloga, Prof^a Me. (UFN)

Thamires Pereira Barbosa, Me. (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

Dedico este trabalho a todos e a todas que sobreviveram a violência doméstica contra mulheres e seus efeitos, tanto as vítimas diretas quanto aqueles que tiveram suas trajetórias de vida perpassadas pela experiência traumática de presenciar a violência dentro de seus lares.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Pedro Scaramussa e Marilene Schramm Scaramussa pela luta de toda a vida para me oportunizar inúmeros privilégios que não puderam ter, especialmente o de estudar em uma universidade pública. Obrigada por terem me ensinado a ter valores como honestidade, humildade, respeito e empatia. Sei que vocês se ressentem por não terem tido oportunidades de estudo melhores, mas vocês são grandes exemplos de que só a luta muda a vida e que apenas o trabalho materializa as mudanças. Serei sempre guiada, tanto na vida pessoal quanto no exercício profissional, pelo exemplo de integridade que vocês são para mim. Graças a vocês aprendi a ter curiosidade pelas coisas e a buscar o melhor para mim e para o mundo. Muito obrigada por todo o apoio e carinho, especialmente nos últimos meses!

Agradeço também a minha maninha, Cristiane Scaramussa (*in memoriam*). Tu fostes um anjo na terra e hoje, apesar de toda tristeza e saudade que isso desperta em nós, é o nosso anjinho no céu. Sua trajetória foi de desafios que tua alma de luz e amor suportou com muita coragem e resiliência. Queria que tu estivesses aqui para ver tua “maninha” se formar e para comemorarmos juntas - como você sempre fez e amou. Meu amor por ti e nossa conexão ultrapassa o tempo e o espaço, acima de toda a dor e saudade, o maior sentimento é a gratidão pela tua passagem. Obrigada pela tua luz que tu emana e nos mostra o caminho para viver a vida da forma plena que tu vivestes, apesar de todas as adversidades.

À meu irmão, Eduardo Schramm Scaramussa, por nunca me deixar sozinha, pelo acolhimento, pelo exemplo de integridade que tu sempre fostes para mim! Obrigada pelos puxões de orelha desde que eu procrastinava as tarefas para jogar no computador e por me ajudar a fazer os temas. Agradeço também pelo teu bom humor, tuas piadas e irreverência que tornam a vida mais leve e gostosa de ser vivida.

À minha cunhada Giovana Teixeira agradeço o acolhimento, o carinho e cuidado que tens comigo e com a minha família. Tua tranquilidade é luz que acalma até os coraçõezinhos mais ansiosos e inquietos.

As “Lululuzinhas”, Luana Izolan, Luana Ribeiro e Luiza Vieira. Obrigada por estarem ao meu lado mesmo nos momentos mais difíceis, vocês foram muito importantes na minha trajetória. Gratidão pela paciência durante os “surtos”!

À Rogéria Lourenço, obrigada por segurar minha mão e não soltar nessa fase tão turbulenta para mim! Agradeço por ser minha referência de apego saudável e por me mostrar como a vida pode ser boa quando nos permitimos tratar a criança que vive em nós com amor e carinho.

À Marta Helena Schramm Ferreira. Tia, não sei o que seria de nós sem você nesse momento, obrigada pelo amor e pelo cuidado conosco e principalmente por ser tão presente para que eu pudesse também me dedicar ao TCC, a faculdade e ao trabalho. Amo você demais!

Por fim, agradeço à minha orientadora, Samara Silva dos Santos, pela paciência e compreensão nesse processo de escrita que teve tantos atravessamentos. Gratidão por topar reformular todo o trabalho e por apoiar minhas ideias. Agradeço também por ser um exemplo de professora e pesquisadora desde o início da graduação.

Mas naquele tempo... Temia-o? Sentia apenas
que se ele surgisse a qualquer momento, um
gesto seu faria com que o seguisse para
sempre. Sonhava com esse instante,
imaginava que, ao seu lado, libertar-me-ia dele.
Amor? Desejava acompanhá-lo, para estar do
lado mais forte, para que ele me poupasse,
como quem se aninha nos braços do inimigo
para estar longe de suas flechas. Era diferente
de amor, descobria: eu o queria como quem
tem sede e deseja a água, sem sentimentos,
sem mesmo vontade de felicidade.
(LISPECTOR, 1979, p. 66)

RESUMO

A SÉRIE “MAID” E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES: UM OLHAR DA TERAPIA DO ESQUEMA

AUTORA: Claudia Schramm Scaramussa
ORIENTADORA: Prof^ª Dr^a Samara Silva dos Santos

A violência doméstica (VD) contra mulheres é um problema complexo de segurança e saúde pública que representa uma violação dos direitos humanos e possui diversos impactos negativos tanto para a vítima quanto para a sociedade. A literatura acerca dos efeitos da VD contra mulheres aponta para a persistência da problemática a nível intergeracional. Nesse sentido, presenciar a VD no ambiente doméstico leva a um risco maior de envolver-se em relações abusivas e violentas. Tendo em vista o impacto do ambiente familiar e da relação com os cuidadores durante a infância na cognição e no comportamento humano, o autor Jeffrey Young formulou a Terapia do Esquema. O modelo conceitual da TE oferece uma perspectiva coerente para compreender a persistência intrafamiliar da VD contra mulheres. Experiências nocivas na infância dão origem aos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) entendidos como a base da compreensão dos indivíduos acerca de si, dos outros e do mundo. Os EIDs são agrupados em domínios esquemáticos que representam desafios evolutivos para um desenvolvimento saudável em que ocorreram falhas dos cuidadores em atender determinadas necessidades básicas da criança. O presente artigo buscou discutir a influência dos EIDs na manutenção das situações de violência doméstica utilizando a minissérie norte-americana “Maid” e análise dos esquemas da protagonista Alex como disparador para as discussões acerca das dificuldades encontradas pela personagem para romper com o ciclo de violência que a jovem vivencia. Para perfazer tais objetivos, utilizou-se o método qualitativo e descritivo a partir da análise documental da minissérie sob a perspectiva da TE. É possível identificar na série alguns dos esquemas, especialmente do primeiro domínio esquemático, apontados na literatura como prevalentes entre as vítimas de VD. Cabe pontuar que a mãe de Alex também foi vítima de VD perpetrada por seu parceiro e, portanto, a infância da protagonista foi perpassada pela instabilidade e dificuldades encontradas por sua mãe para atender as necessidades básicas da filha enquanto tentava fugir da situação de VD. Adulta, Alex acaba enfrentando as mesmas dificuldades que sua mãe para escapar da violência perpetrada pelo pai de sua filha. Em síntese, a série em diversos pontos retrata a realidade do ciclo de violência vivenciado por muitas mulheres, sendo possível identificar o papel dos EIDs na manutenção de relações abusivas e sua influência intergeracional.

Palavras-chave: Esquemas. Mulheres. Terapia. Violência.

ABSTRACT

“MAID” SERIES AND THE DOMESTIC VIOLENCE AGAINST WOMEN: A SCHEMA THERAPY PERSPECTIVE

AUTHOR: Claudia Schramm Scaramussa
ADVISOR: Samara Silva dos Santos

Domestic violence against women (DV) is a complex problem faced in public security and health. It represents a human's right violation and it has a variety of negative impacts both for the victim and the society. The researches about the DV's effects points out to an intergenerational problem related to violence against women. For that matter, witnessing DV at home leads to a bigger risk of one getting involved in abusive and violent relationships. Since the family environment and the relation with the caregivers during childhood have been related to the outcomes in human behavior and cognition in adulthood, Jeffrey Young created the Schema Therapy (ST). The ST conceptual model offers a consistent perspective to understand the intrafamilial persistence of DV against women. Harmful childhood experiences cause the Early Maladaptive Schemas (EMS), that are considerate the base to understand one's comprehension about themselves, others and the world. The EMS are grouped in schematic domains that represent the evolutive challenges to a healthy development in which the caregivers have failed to attend to determined basic needs of a child. This article attempted to discuss the EMS influence on the maintenance of DV situations. It used the north-american series “Maid” and the protagonist's (Alex) EMS analysis as the initial point to the discussions about the difficulties the character shows in the series to break the violence cycle. The qualitative and descriptive method was used to accomplish the article's purpose, using the documental analysis and the ST as a theoretical perspective. It is possible to identify in the series some schemas, especially the ones that compose the first schematic domain, which is pointed in others research as a common one among women victims of VD. It is important to highlight that Alex's mother was also a DV victim perpetrated by an intimate partner and the protagonist's childhood was pervaded by instability and her mother's difficulty to attend Alex's basic needs while she was trying to escape from the DV situation. During adulthood, Alex ends up facing the same difficulties as her mother to run away from the violence perpetrated by her daughter's father. In conclusion, in many situations the series portrays the reality of the violence cycle lived by many women. It is also possible to identify the role of EMS in the maintenance of abusive relationships and its intergenerational influence.

Keywords: Schema, Therapy, Violence, Women.

LISTA DE ABREVIATURAS

EIDs	Esquemas Iniciais Desadaptativos
TAB	Transtorno Afetivo Bipolar
TE	Terapia do Esquema
VD	Violência doméstica

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	12
2.	OBJETIVO	16
3.	MÉTODO	17
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4.1	TERAPIA DO ESQUEMA E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES	19
4.2	EIDs IDENTIFICADOS NA MINISSÉRIE	23
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6.	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

“A arte imita a vida” é um aforismo popular que remonta o conceito estudado por filósofos gregos de *mimesis* - que denota imitação e representação da realidade. Para Aristóteles, a arte, não apenas reproduz o real, mas sim compõem um cenário ficcional com base na representação da realidade, à exemplo das tragédias gregas. A imitação da vida - ou a chamada *mimesis* - por meio da arte gera um efeito de alívio das angústias humanas ao passo que possibilita o enfrentamento simbólico de elementos nocivos do real (GEBAUER e WULF, 1995). A expressão artística mais comum nos dias de hoje é o cinema, o que pode ser evidenciado pelo sucesso das plataformas de *streaming*. O cinema aproxima facilmente a ficção da realidade a partir da reprodução de imagens familiares e cotidianas da vida social, afetando o espectador de forma subjetiva em razão da inserção das obras na sociabilidade. Essa relação contribui para uma maior identificação dos indivíduos com a produção artística do cinema, facilitando sua inscrição no imaginário social. Dessa forma, o cinema deixa de ser apenas um aparato de representação, uma vez que constitui uma prática significativa, que produz e reproduz significados e valores, tanto para os espectadores quanto para seus criadores. Portanto, o cinema participa poderosamente da produção de formas de subjetividade que, embora sejam moldadas individualmente, constituem também um processo socialmente construído (LAURETIS, 1984; PIRES E SILVA, 2014).

Em outubro de 2021 a empresa de streaming Netflix lançou a minissérie “Maid”, na qual a personagem Alex, uma jovem que luta para se sustentar como faxineira após fugir com sua filha da casa em que morava com seu ex-marido abusivo nos Estados Unidos. A protagonista luta para procurar um lugar para morar com sua filha, e sofre uma série de violências institucionais. Além disso, a jovem foi exposta a violência doméstica quando pequena, pois sua mãe era vítima de violência doméstica (VD) perpetrada pelo seu ex-marido. A mãe de Alex apresenta transtornos psiquiátricos e não consegue ter uma vida estável em razão disso, necessitando constantemente da ajuda da jovem para se restabelecer. A jovem conta com uma rede de apoio quase inexistente, uma vez que seu ex-companheiro também limitava suas relações, fazendo com que ele fosse sua principal referência de apoio. A problemática da série gira em torno da esperança e esforços de Alex

para construir um novo caminho para si e que não exponha sua filha às mesmas situações a que foi exposta na infância. A série é baseada em um livro de memórias escrito por Stephanie Land, em que narra sua trajetória para sair da situação de VD.

Nessa perspectiva, a violência de natureza física, sexual ou psicológica cometida por um parceiro íntimo é a forma de violência contra mulher mais comum mundialmente segundo a OMS, sendo reconhecida como uma grave violação dos direitos humanos (WHO, 2021). A definição de violência doméstica contra mulher consta no artigo 5º da Lei nº 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha:

Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: (Vide Lei complementar nº 150, de 2015)

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

A nível global, aproximadamente 27% das mulheres em idade reprodutiva já foram vítimas ao menos uma vez, de violência física ou sexual, cometida por parceiros (WHO, 2021). No Brasil, segundo dados do mais recente Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BRASIL, 2022) houve uma diminuição de crimes letais contra mulheres. Contudo, não houve diminuição nos índices de VD contra mulheres, inclusive, houve um aumento sensível nas denúncias de violência física, no número de ameaças e também na quantidade de chamadas de emergência para o número das polícias militares dos estados da federação para atender denúncias de VD contra mulheres. Além de representar um desafio à segurança pública, a VD contra mulheres constitui uma questão de saúde pública. Nesse sentido, Dillon et al (2013) buscou identificar as áreas da saúde, tanto física quanto mental, mais atreladas às consequências da VD contra mulheres em uma gama de amostras, culturas e idades significativas através de uma revisão. As mulheres vítimas de VD são mais propensas à depressão, TEPT, ansiedade, ideação suicida, automutilação, insônia, dor, condições respiratórias, condições musculoesqueléticas, distúrbios cardiovasculares, diabetes e sintomas gastrointestinais. Uma vez que tais demandas geram uma presença expressiva de mulheres vítimas de VD em serviços de saúde,

o estudo de Schraiber, Barros e Castilho (2010) aponta que há um maior uso de serviços de atenção primária à saúde no estado de São Paulo pelas mulheres vítimas de VD relacionado tanto à maior gravidade dos impactos das situações de violência à saúde da mulher quanto pela reincidência da VD. Ressalta-se que, para além de representarem uma violação aos direitos humanos, a cidadania e a expressão de uma sociedade desigual, as repercussões da VD se estendem a nível social e econômico, afetando não só a qualidade de vida da população, mas também o desenvolvimento dos países. Nesse sentido, impactos nos sistemas de saúde podem ser observados, visto que a violência gera demandas de saúde graves e recorrentes. À nível econômico, cabe pontuar que a violência acaba gerando a necessidade de atestados e afastamento do trabalho. Lloyd (1997) afirma que mulheres vítimas de VD além de apresentarem renda mais baixa que mulheres com o mesmo nível educacional, estão significativamente mais propensas a precisarem de assistência pública do que mulheres sem histórico de denúncia de VD.

Além disso, a VD contra mulheres tem repercussões não só para as vítimas, mas também para seus filhos. Nesse sentido, o estudo de Dube et al (2002) traz que nas famílias em que as mães são tratadas com violência, as crianças são mais propensas a sofrerem diversas formas de abuso e negligência intrafamiliar. Os dados do estudo também trazem uma forte relação entre a frequência de testemunhar VD quando criança e uso de substâncias e sintomas de depressão na adultez. O estudo de Ehrensaft et al (2003) apontou que a exposição à violência conjugal entre os pais, independente de outras variáveis, constitui o principal fator de risco para ambos os sexos de se tornar vítima de qualquer tipo de ato violento do parceiro na idade adulta.

Mina e Reynolds (2014) sugerem que situações estressoras vivenciadas durante a gravidez podem afetar o feto, levando a alterações comportamentais que o acompanharão até a vida adulta. Estudos atuais corroboram com as evidências dos efeitos nocivos da VD durante a gravidez, podendo acarretar consequências físicas e emocionais negativas ao feto e seu posterior desenvolvimento até a adultez (SANCHEZ et al, 2013; TOSO, COCK e LEAVEY, 2020; HALIM et al, 2018). Percebe-se que a literatura traz evidências de que a VD contra mulheres e suas consequências contribuem significativamente para um grande número de demandas em saúde mental ao redor do mundo. Estudos sugerindo que consequências da VD contra mulheres não se limitam a afetar apenas à vítima diretamente são extensas

na literatura (JAFFEE et al, 2013; DANIELSON et al, 1998; FRY et al, 2018; BARRIOS et al, 2015). Os estudos demonstram o quanto crescer em um ambiente perpassado pela violência doméstica contra mulheres contribui para um ambiente nocivo ao desenvolvimento da criança e do adolescente, levando a diversos efeitos negativos que perduram até mesmo na fase adulta. Portanto, percebem-se inúmeros impactos negativos da VD doméstica contra mulheres, tanto em suas repercussões para a vítima quanto para os seus filhos e outras gerações, dada a repercussão intergeracional de padrões de relações violentas evidenciada na literatura. Frente a magnitude e persistência dessa problemática, é de extrema importância que estudos e pesquisas que possam auxiliar na ampliação da compreensão desse fenômeno. Ainda, estudos acerca da VD contra mulheres devem buscar contribuir para uma sociedade mais justa, bem como para a criação de intervenções para reduzir os índices de VD contra mulheres, articulando diferentes agentes da sociedade civil e autoridades para seu enfrentamento e prevenção.

A Terapia do Esquema (TE) propõe um modelo teórico que auxilia a compreender a perpetuação de padrões problemáticos nas relações. Jeffrey Young, autor e principal expoente da TE, pontua que o ambiente familiar e a relação com as figuras de cuidado na infância apresentam grande influência nas dinâmicas de relacionamento estabelecidas na vida adulta. Experiências que negligenciam e ameaçam as necessidades emocionais básicas da criança - como segurança, estabilidade e cuidado - originam os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs).

De acordo com Young, Klosko e Weishaar (2008) os esquemas são uma estrutura cognitiva de representação abstrata da realidade, que serve para auxiliar os indivíduos a compreender suas experiências e orientar suas respostas. Os EIDs surgem a partir de falhas no ambiente em suprir as necessidades básicas infantis e perpetuam vieses disfuncionais de percepção da realidade na adultez. Além do componente cognitivo, os esquemas também são compostos por fortes emoções negativas, como aflição, vergonha, medo ou raiva. Nas situações percebidas como semelhantes às falhas ambientais no suprimento de necessidades básicas, os esquemas são ativados, gerando respostas emocionais intensas. Para evitar a ativação dos EIDs, estratégias de enfrentamento desadaptativas são desenvolvidas logo na infância. Embora tais estratégias sejam úteis para adaptação da criança ao contexto familiar conflituoso, posteriormente, podem constituir comportamentos disfuncionais que perpetuam e fortalecem o esquema na vida adulta.

Ainda, apesar de causarem sofrimento, os esquemas são a base da compreensão do indivíduo sobre si, os outros e o mundo, compondo um padrão cognitivo e comportamental previsível mantido pela necessidade instintiva de coerência cognitiva. Por isso, os EIDs causam uma sensação de conforto e familiaridade, levando o indivíduo a atrair-se por eventos semelhantes às suas experiências traumáticas infantis que os ativam, recriando involuntariamente na adultez as condições nocivas vivenciadas na infância.

O estudo de Paim, Madalena e Falcke (2012) apontou uma correlação positiva entre diversos EIDs e comportamentos agressivos dos perpetradores, bem como das vítimas, sendo um estudo brasileiro que destaca-se por ser um estudo transversal e qualitativo. Além disso, o estudo também trouxe uma associação negativa entre os EIDs e habilidades de negociação necessárias para a resolução satisfatória de conflitos conjugais. Nos estudos internacionais, também é observada uma escassez de publicações nessa temática. Crawford e Wright (2008) trazem que embora exista uma variabilidade considerável na associação entre experiências nocivas na infância e relações agressivas na adultez, salienta-se que os EIDs fazem um papel mediador nas dinâmicas de relações abusivas. Nesse sentido, adultos que passaram por maus tratos psicológicos e que internalizaram essas experiências na forma de EIDs relacionados ao abuso e desconfiança, desenvolvem a percepção de que outras pessoas irão tratá-los de forma igualmente abusiva, agindo de forma a confirmar o esquema, sendo mais propensos a serem vítimas de abusos nas relações íntimas. Além disso, o estudo pontuou também o papel do esquema de auto-sacrifício, uma vez que está associado a uma possibilidade maior de experiências de violência perpetrada por parceiro íntimo.

O presente artigo utiliza a série *“Maid”* como um disparador para as discussões acerca da influência dos Esquemas Iniciais Desadaptativos nas situações de violência doméstica contra mulheres. Optou-se pelo tema da VD devido a persistência de suas estatísticas alarmantes. A Terapia do Esquema é utilizada como base para análise por propor um modelo teórico que explica com coerência o surgimento e a manutenção de padrões intergeracionais de violência nas relações afetivas.

2 OBJETIVO

O presente artigo busca discutir a influência dos esquemas iniciais desadaptativos no contexto de violência doméstica. A Terapia do Esquema (TE) será utilizada como referencial teórico para a análise da minissérie norte-americana “Maid”. Nessa perspectiva, as vivências da personagem principal, Alex, serão utilizadas como um disparador para as discussões acerca dos EIDs enquanto fatores de mediação e manutenção de relações abusivas a fim de entender de que maneira as situações vividas pela personagem se assemelham à vida real. Tais objetivos buscam esclarecer o problema de pesquisa caracterizado pela necessidade de compreender a persistência do fenômeno da violência contra mulher perpetrada por parceiro íntimo.

3 MÉTODO

Para perfazer os objetivos do presente trabalho, foi adotado o método descritivo em pesquisa, partindo da análise documental de uma minissérie.

Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009 p. 2):

“O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.”

A violência contra a mulher é uma violação dos direitos humanos constante ao longo dos anos e de grande impacto na sociedade. Contudo, não sem resistência as mulheres vivenciam as desigualdades sociais, o machismo e o patriarcado que tem como expressão extrema a violência contra mulher. Nessa perspectiva, o feminismo constituiu-se como um importante movimento político e social que busca promover a equidade de gênero na sociedade. O movimento feminista é caracterizado por ondas que constituem momentos em que o movimento, suas reflexões e atuação prática nas instituições e na vida das mulheres se ocuparam de determinadas demandas urgentes àquele determinado período (SILVA, CARMO E RAMOS, 2021).

Atualmente, vive-se uma quarta onda feminista, segundo Dutra (2018), chamada também de *cyberfeminismo*. Nesse cenário, o espaço virtual serve como um espaço privilegiado para compartilhamento de experiências entre mulheres, especialmente para o diálogo acerca das vivências perpassadas pelas diferentes

formas de violência vivenciadas pelas mulheres. A autora também salienta que o *cyberfeminismo* promove para além de um engajamento social, mas também desloca-se para o mundo real, promovendo campanhas feministas concretas que buscam mudanças reais.

Uma vez que o *cyberfeminismo* levou muitas mulheres de diferentes partes do mundo a refletirem acerca dos reflexos da sociedade desigual que vivemos, pode-se observar que tal temática torna-se emergente enquanto representação no cinema. Nesse cenário, o uso de uma série produzida recentemente para realizar a análise documental justifica-se pela relevância de se analisar a representação da VD contra mulheres frente aos atravessamentos das novas formas de enxergar o fenômeno da violência contra a mulher promovida pelos meios de comunicação, tendo em vista a influência de uma quarta onda feminista.

Ainda, muitas obras do cinema abordam o fenômeno da violência doméstica de diferentes maneiras, focando em diferentes aspectos e apresentando diferentes perspectivas. Nesse sentido, a escolha de utilizar a série *Maid* como disparador para reflexão e análise acerca da violência perpetrada por parceiro íntimo se dá pela necessidade de salientar que por trás dos dados sobre violência existem mulheres, que possuem nome, história e suas trajetórias de vida marcadas pela violação de direitos perpetrada por parceiro íntimo - relação que deveria ser sinônimo de segurança e acolhimento. A narrativa da série escolhida propicia a reflexão do tema de forma humanizada, pois representa os esforços de mulheres reais para mobilizar estratégias, afetos e recursos para sair de relações violentas e abusivas.

A Terapia do Esquema será utilizada como modelo conceitual para analisar a situação de violência vivenciada pela personagem principal da série, Alex Russel, focando na influência dos Esquemas Iniciais Desadaptativos na manutenção da situação de violência doméstica vivenciada pela personagem.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, cabe salientar que o presente artigo, embora utilize a Terapia do Esquema como perspectiva teórica para entender o papel dos EIDs na manutenção de relações perpassadas pela violência, focando em características individuais e na história de vida dos personagens, não se abstém de situar a violência doméstica contra mulheres no cenário macrossocial. Tal esclarecimento

faz-se necessário tendo em vista especialmente os discursos que culpabilizam a vítima pela violência vivida e reproduzem a ideia de que a mulher “provocou” o companheiro ou que há uma “satisfação” em ser agredida. Esses discursos demonstram ser incoerentes, porque para ser atribuída responsabilidade e consentimento das mulheres à violência sofrida, estas teriam que desfrutar de poder igual aos homens, o que não ocorre tendo em vista a força física desproporcional entre homens e mulheres, bem como o sistema patriarcal, que situa os homens em uma posição simbólica de poder e superioridade (SAFFIOTI, 1999). Tendo isso em vista, é de extrema importância ressaltar que os discursos reproduzidos socialmente também favorecem percepções negativas e distorcidas acerca da VD e suas vítimas.

Cabe pontuar também que a estrutura social perpassada pelas desigualdades entre homens e mulheres representa um impasse no enfrentamento à violência contra as mulheres, o que também pode ser visualizado na série “Maid”.

Portanto, a análise de fatores emocionais e cognitivos que perpassam as relações íntimas e o ambiente doméstico em si, não anula o impacto de discursos fortemente arraigados na sociedade em detrimento de fatores emocionais e cognitivos do casal retratado na série. Dessa forma, entende-se que a violência doméstica contra mulheres constitui um fenômeno complexo e multifacetado, em que diversos fatores interagem mutuamente. Dito isso, dar-se-á seguimento à análise proposta.

4.1 Terapia do Esquema e Violência Doméstica

O conceito de esquema, central na terapia do Esquema de Young, é familiar à psicologia, principalmente às ciências cognitivas. Os esquemas configuram uma estrutura cognitiva de representação que serve para auxiliar os indivíduos a compreender suas experiências e orientar suas respostas, constituindo um padrão de interpretação da realidade que reflete no comportamento (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR (2008). Contudo, a TE se afasta das terapias cognitivo comportamentais clássicas à medida que buscou aprofundar o conhecimento acerca do desenvolvimento da personalidade humana enfatizando o papel dos esquemas formados na infância e adolescência, dedicando-se especialmente ao estudo de pacientes caracterológicos mais refratários e graves. Pontua-se também que a TE

desenvolveu-se enquanto sistema conceitual que busca complementar e não contrariar o que foi proposto anteriormente pela TCC clássica (WAINER, 2015).

Nesse contexto, de acordo com a TE, os EIDs são organizados em 5 domínios esquemáticos que representam diferentes falhas dos cuidadores ao ajudar a criança na aquisição das competências necessárias para um desenvolvimento saudável durante a infância e um melhor desfecho no respectivo conjunto de habilidades na idade adulta (WAINER, 2015). Os domínios e seus respectivos EIDs são: abandono/instabilidade desconfiança/abuso, privação emocional, defectividade vergonha, isolamento social/alienação no domínio de desconexão e rejeição; dependência/incompetência, vulnerabilidade ao dano, emaranhamento e fracasso no domínio de autonomia e desempenho prejudicados; arrogo/grandiosidade e autocontrole/autodisciplina insuficientes em limites prejudicados; subjugação, auto sacrifício e busca de aprovação em direcionamento para o outro; e por fim os EIDs de negativismo/pessimismo, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada e postura punitiva no domínio de supervigilância e inibição.

O conceito de Esquemas Iniciais Desadaptativos também são particulares a Terapia do Esquema. Nesse sentido, a TE situa a importância das experiências de cuidado na infância para um desenvolvimento saudável da personalidade:

As experiências infantis têm um papel fundamental na gênese da personalidade normal ou patológica, já que possibilitam ou não o preenchimento das necessidades emocionais básicas da criança. Caso tais relacionamentos afetivos não supram minimamente essas necessidades básicas, ocorrerá a geração dos EIDs respectivos ao DE em questão e ao tipo de crenças disfuncionais criadas pela criança para justificar a hostilidade ou carência do meio ambiente em que está inserida (WAINER, 2015, p. 20).

O funcionamento dos EIDs baseiam-se nas operações de cura ou perpetuação dos esquemas. Na perpetuação, as cognições, emoções e os comportamentos do indivíduo reforçam e mantêm o esquema funcionando. Por outro lado, na cura, experiências reparadoras podem oferecer uma perspectiva diferente e logo, respostas emocionais e comportamentais que enfraqueçam o esquema. A perpetuação dos esquemas ocorre a partir de três mecanismos: distorções cognitivas, padrões de vida auto derrotistas e estilos de enfrentamento. Nas distorções, visando a coerência cognitiva, o indivíduo interpreta as informações da realidade enfatizando as informações que confirmam o esquema e ignorando ou negando informações que possam refutá-lo. Nos padrões de vida auto derrotistas o

sujeito envolve-se em relações que ativam o esquema. Cabe destacar que o indivíduo engaja-se em situações e relações interpessoais que ativam os EIDs sem perceber, de forma não intencional. Nesse sentido, a ativação dos EIDs também é acompanhada pela sensação de familiaridade por remontar as experiências de cuidado em que houve negligência das necessidades básicas na infância. As respostas e os estilos de enfrentamento constituem respostas adaptativas ao contexto em que os esquemas se originaram para evitar que a criança sentisse a resposta emocional intensa e desconfortável gerada pela ativação dos esquemas. Contudo, na idade adulta, as respostas de enfrentamento passam a ser desadaptativas e a perpetuar os esquemas. Isso acontece pois o indivíduo perpetua uma visão de si, dos outros e do mundo e respostas comportamentais que remontam as relações de cuidado na infância que ao serem transpostas para contextos diferentes na adultez não propiciam uma adaptação às novas circunstâncias (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008)

Os autores partem do pressuposto de que frente a ameaças todo organismo apresenta três respostas básicas: luta, fuga ou paralisia. Logo, diante de situações em que há frustração das necessidades básicas, tais respostas traduzem-se em três estilos de enfrentamento: hipercompensação, evitação e resignação. Na hipercompensação, o indivíduo luta contra o esquema, respondendo de maneira intensamente oposta ao que ele representa. Embora pareça uma resposta adaptativa, a hipercompensação leva a um esforço extremo para provar o contrário do esquema, e tal intensidade acaba gerando respostas desproporcionais igualmente desadaptativas. Na resignação, ocorre o contrário, o indivíduo conforma-se e se apegua ao esquema, agindo de maneira a confirmá-lo pois aceita-o passivamente como uma realidade a qual não é possível lutar ou evitar. Por fim, na evitação o sujeito busca evitar as situações que possam ativar o esquema acabando por evitar as situações e relações que poderiam ser reparadoras. Na evitação também pode ocorrer o uso de atividades prejudiciais - abuso de substância, compulsões, comportamento de risco no geral - como estratégia para suprimir as emoções do esquema. Faz-se necessário esclarecer que, segundo a TE, os estilos de enfrentamentos constituem a forma preponderante utilizada pelo sujeito para enfrentar o esquema - resignação, hipercompensação ou evitação, enquanto as respostas de enfrentamento são os comportamentos específicos que surgem em resposta à ativação esquemática em uma determinada situação.

Um outro conceito que faz parte do estudo da TE e é um relevante conceito para o entendimento da perpetuação da VD é o de química esquemática. De acordo com Paim e Cardoso (2019), a química esquemática caracteriza-se por uma forte atração entre pessoas com determinados esquemas e resulta da ativação de um ou mais EIDs ao reviver experiências semelhantes às vivenciadas com as figuras de cuidado na infância. Isso acaba reforçando padrões auto derrotistas de permanência e propensão a relações em que se reproduzem dinâmicas disfuncionais. Ainda, a autora traz que os esquemas dos indivíduos em uma relação podem acabar por se reforçarem mutuamente, levando a uma interação destrutiva entre o casal.

A revisão de Magalhães et al (2022) trouxe que os estudos analisados indicam a ocorrência dos EIDs de subjugação, auto sacrifício, privação emocional, negatividade, isolamento social/ alienação e abandono em mulheres vítimas de VD. Ainda, a pesquisa aponta um déficit na produção científica no tema, embora a TE seja um modelo explicativo coerente para entender a permanência em relações abusivas e possa ser utilizada como recurso para promover a quebra no ciclo de VD contra mulheres.

Ainda sobre trabalhos que buscam identificar os EIDs de mulheres VD, o estudo quantitativo e transversal de Paim, Madalena e Falcke (2012) correlacionam os EIDs de desconfiança/abuso, emaranhamento, autossacrifício, padrões inflexíveis, grandiosidade/arrogo, autocontrole/autodisciplina insuficientes e postura punitiva com a violência sofrida por companheiro. Por outro lado, Crawford e Wright (2007), pontuam que os EIDs de grandiosidade/arrogo e autocontrole/disciplina insuficientes estão muito mais relacionados à perpetração da violência doméstica e não à vitimização desta. Contudo, os autores também corroboram com o papel mediador dos esquemas de desconfiança, auto-sacrifício e inibição emocional entre maus-tratos psicológicos vivenciados na infância e vitimização de VD na idade adulta. No estudo de Khosravi, Attari e Rezaei (2011) sobre mulheres vítimas de VD, foi encontrado entre as participantes um alto escore relacionado ao domínio de desconexão e rejeição, especialmente nos EIDs de defectividade/vergonha, privação emocional e desconfiança/abuso, pontuando também a prevalência da violência verbal e psicológica entre as participantes.

Em conclusão, a partir do que foi pontuado nos estudos, é possível compreender que há uma relação entre os EIDs e a violência doméstica contra mulheres. Investigar os EIDs mais predominantes em mulheres vítimas de VD

caracteriza um importante recurso para o planejamento e aplicação de inversões que busquem prevenir e/ou oferecer um atendimento nesse contexto. Paim, Madalena e Falcke (2012) salientam que inesperadamente alguns EIDs são encontrados simultaneamente nas vítimas e nos perpetradores de violência. Dessa forma, compreende-se que as dinâmicas desadaptativas estabelecidas entre o casal que resultam numa interação conflituosa entre o casal e na VD são complexas, variáveis e interacionais. Tal caráter variável de interação entre os EIDs que contribuem para para a VD também explica a existência de discordâncias entre alguns achados que trazem diferentes EIDs entre as vítimas.

4.2 EIDs retratados na série

A série *“Maid”* (“faxineira” em português) é protagonizada por Alex Russell, uma jovem de 25 anos que vive em um subúrbio próximo a cidade de Seattle no estado de Washington nos Estados Unidos. A narrativa da série é construída numa mescla entre a realidade que transcorre, as percepções da jovem acerca da realidade e suas memórias. O primeiro episódio da série inicia com uma cena em que Alex coloca a filha Madeleine (Maddy) dentro do carro no meio da noite enquanto seu namorado (Sean) - pai de sua filha - está dormindo. Alex relembra a última noite, em que seu companheiro alcoolizado joga objetos de vidro contra ela, que está agachada no chão, enquanto sua filha corre na sua direção para tentar protegê-la.

No que parece ser uma fuga, Alex, que morava num trailer com o companheiro e a filha, agora se vê impelida a sair à procura do suporte necessário e um local para dormir. Ao chegar na casa de um casal de amigos, eles tentam dissuadi-la de sair de casa, aconselhando-na a voltar para o namorado pois eles não querem se intrometer nos conflitos do casal. Frente a tentativa do casal de dissuadir Alex a sair de casa, a protagonista não pensa duas vezes e volta para o carro e passa a dirigir sem rumo parando em um lugar ermo para passar a noite dormindo no carro com Maddy. Pela manhã, um policial informa a Alex que é proibido permanecer naquele local e recomenda que ela procure a assistência social. A série que se inicia com a situação descrita tem 10 episódios que retratam os desafios vividos por Alex ao sair de uma relação abusiva e violenta para sobreviver e

proporcionar à sua filha uma infância que não reedite histórias de relacionamentos violentos.

Na cena retratada anteriormente, os cortes na narrativa que retomam as memórias de Alex indicam que o casal fazia parte de um grupo de amigos de Sean. Ao longo da série, percebe-se que a protagonista não possui amigos seus exceto a rede pessoal de Sean, dando a entender que Alex se encontra bastante isolada socialmente. Somando-se a isso, ao ir morar com seu namorado, Alex deixou de trabalhar, sendo Sean o único provedor da casa. Ainda, após Alex esquecer de pagar uma conta de luz, Sean persuadiu a personagem a fechar sua conta bancária, passando a controlar também as finanças sob o pretexto de que que assumiria essa responsabilidade pois ela não conseguiria fazer isso. Percebe-se que Alex resigna-se frente ao que pode ser entendido como uma violência patrimonial de Sean, indicando a possibilidade de ter um EID de dependência/incompetência que foi reforçado pelo namorado. Nesse sentido, pontua-se que há uma forte dependência emocional e emaranhamento que perpassam a dinâmica do casal, hipótese reforçada durante a série, Sean, que faz uso abusivo de álcool, ao tentar ficar sóbrio, verbaliza que só conseguiria fazê-lo com o apoio e presença de Alex, indicando um EID de emaranhamento. Pode-se inferir que há uma dependência emocional entre o casal mediada pela interação esquemática entre os EIDs de emaranhamento de Sean e dependência/incompetência de Alex, demonstrando o caráter interacional dos esquemas.

Pontua-se que tanto o esquema de emaranhamento quanto o de dependência/incompetência fazem parte do domínio de autonomia e desempenho prejudicados. O contexto familiar em que tais esquemas se originam é caracterizado ou pela superproteção dos cuidadores, dificultando que a criança se desenvolvesse com a autonomia necessária ou, no outro extremo, os pais atribuíam aos filhos responsabilidades não compatíveis com a capacidade cognitiva que a criança apresentava naquele momento de seu desenvolvimento (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR (2008). Tanto a trajetória de vida de Alex quanto de Sean vão ao encontro das características do contexto familiar retratado. Percebe-se que na série, Alex e Sean se identificam um com a história de vida do outro, especialmente pelas experiências negativas relacionadas a seus cuidadores. Nesse sentido, a mãe de Sean era viciada em opióides, enquanto a mãe de Alex teve que fugir de casa junto a filha para fugir das agressões do pai da jovem, indo morar em comunidades

hippies. Ainda, a mãe da jovem sofre com Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) e vivencia muitas oscilações de humor e, principalmente, sintomas de hipomania e mania. Dessa forma, tanto Alex quanto Sean tiveram que assumir desde a infância a responsabilidade de cuidar de seus progenitores em momentos de instabilidade.

Huerta et al (2016) buscou investigar a relação entre os EIDs e a dependência emocional em mulheres vítimas de violência. O estudo aponta que há uma relação significativa entre fatores determinantes de dependência emocional com os EIDs. A dependência emocional é entendida pelo estudo como um fator que leva a permanência em relações violentas, demonstrando também uma correlação maior de indicadores de dependência emocional entre mulheres que sofreram VD em comparação às mulheres que não sofreram violência doméstica.

A dependência emocional existente na relação de Alex e Sean somada à fragilidade pré-existente na rede de suporte da protagonista, leva a mesma a uma situação caracterizada pelo isolamento. Nesse sentido, o trabalho de Dutra et al (2013), que investigou a configuração da rede social de mulheres em situação de violência aponta que a situação de restrição das redes sociais sofre influência das expectativas das mulheres em relação a relação conjugal. O estudo apontou que as participantes entendem a relação como um meio para garantir suas condições de vida e de seus filhos, gerando um sentimento de obrigação em manter esse compromisso. Nessa perspectiva, ao ocorrer uma ruptura, não apenas suas vidas serão afetadas, mas também a de seus filhos. As autoras ressaltam que, essa percepção é perpassada pelas desigualdades de gênero, sendo gênero uma categoria de análise em que se distinguem os papéis do que se entende por ser homem e mulher na sociedade. A desigualdade entre tais papéis é evidenciada no estudo, pois as percepções das participantes corroboram com a ideia de que ao homem é atribuído o papel de provedor, enquanto as mulheres é atribuído o cuidado aos filhos. Os relatos das participantes da pesquisa vão ao encontro desses valores ao passo que entendem que a elas recai a responsabilidade pelo bem-estar dos filhos e de manter a coesão familiar, mesmo que tenham que conviver com a violência e sacrificar sua integridade física em prol da família. Ainda, tal percepção foi tão forte entre as mulheres de maneira que o rompimento da relação assumia a dimensão de fracasso pessoal. Esse achado pode ser compreendido como um fator reforçador dos EIDs relacionados a VD na medida em que a mulher entende que priorizar sua integridade física e emocional ao romper com a relação violenta seria

em muitos casos - como retratado em *Maid* - expor a si e especialmente os filhos à vulnerabilidade social devido a dependência financeira. Isso acaba por impactar na percepção de competência e valor enquanto mulher e mãe, dificultando ainda mais o rompimento da situação de VD.

Outro ponto em que o estudo de Dutra et al (2013) converge com a série é ao trazer que a figura materna é citada pelas participantes como principal rede de suporte. Porém, por outro lado, as autoras salientam que a figura materna embora ofereça apoio, dificilmente posiciona-se de forma que favoreça o rompimento da relação, uma vez que, segundo as participantes, o discurso materno corrobora com a resignação frente às situações de violência. Nesse contexto, não poder contar com o apoio da mãe torna ainda mais difícil para Alex romper com a relação, dado que Paula conta mais com o apoio da filha do que o contrário. Em diversos momentos da série, é possível perceber o quanto a infância da protagonista foi instável em razão disso. Ainda, a mãe de Alex constantemente invalida a filha, dizendo que Sean nunca a agrediu e que ele não é violento. Quando Alex traz que, quando moravam juntos, Sean era o responsável pelas finanças por presumir que ela não seria capaz de administrar o dinheiro e que isso pode ser entendido como violência patrimonial Paula diz que poderia citar várias situações em que sofreu violências bem mais graves de seus companheiros e que quem cuida atualmente de suas finanças é seu namorado, pois tanto ela Alex, de fato, não seriam capazes de fazê-lo.

Além disso, Sean é uma figura importante na mediação do cuidado à Paula, uma vez que ele consegue comunicar-se com mais facilidade com ela do que Alex. Em um dado momento da narrativa, Sean descobre que a mãe de Alex estava sendo enganada por seu companheiro (Basil), responsável pelo pagamento da hipoteca da casa de Paula, que era supostamente pago com o valor do aluguel do imóvel. Contudo, Basil estava usando da vulnerabilidade emocional de Paula para manipulá-la e gastar o dinheiro do aluguel sem pagar a hipoteca. Alex desconfiou que isso poderia estar ocorrendo e tentou alertar Paula, porém sua mãe não acreditou e ainda insinuou que sua filha estava com inveja de seu relacionamento. Ao descobrir, Paula vai até a casa que não é mais sua - devido a falta de pagamento da hipoteca - e tenta invadi-la durante uma crise maníaca e acaba se cortando gravemente ao quebrar as janelas da casa. Alex tem uma ativação emocional muito grande e não consegue reagir para ligar para um serviço de saúde e Sean, que está presente, maneja a emergência sozinho. Essa situação, que gerou uma ativação

emocional muito forte à Alex, acabou levando a jovem, que encontrava-se desamparada, a voltar com o ex namorado e, logo, à situação de VD.

Essa sensação de fracasso também é retratada quando Alex, junto de Maddy, busca a assistência social da cidade que mora. Essa cena é retratada pela visão da jovem, na qual a assistente social a enxerga como uma “desempregada fracassada que precisa da ajuda do governo”. Na realidade, a profissional estava questionando o que levou Alex a procurar o serviço, contudo, a série buscou retratar o sentimento de vergonha que a jovem sente ao procurar ajuda. Tal cena retrata a forma como Alex imagina que os outros a vejam, um importante aspecto que fornece um entendimento sobre a visão de si e a visão dos outros da personagem. Nesse sentido, salienta-se que o esquema de defectividade e vergonha é um dos EIDs mais prevalentes entre mulheres vítimas de violência (KHOSRAVI et al 2011).

Um importante achado é a forte atração gerada pela química esquemática entre pessoas com esquema de defectividade/vergonha com parceiros que tenham o esquema de grandiosidade/arrogância. Nessa relação, a arrogância do companheiro ativa e perpetua o esquema de defectividade na vítima, uma vez que reforça sentimentos de desvalor (BALDISSERA et al 2021). Nesse sentido, a série traz elementos que levam a confirmar a hipótese de uma interação entre os esquemas de Alex e Sean, especialmente na cena em que a protagonista relembra momentos em que seu ex-namorado a humilha dizendo que ele é o dono do trailer em que eles moram e que ela somente tem amigos pois ele permite que Alex seja amiga dos amigos dele. Percebe-se, então, um indício de que Sean possui o esquema de grandiosidade/arrogância e que há uma forte ativação em situações de conflito entre o casal.

A convivência de Alex com o parceiro que possui o EID de grandiosidade também remonta a relação com sua mãe Paula, sua principal referência de cuidado na infância. Paula mora em um trailer e vive um estilo de vida *hippie* com seu namorado e trabalha vendendo sua arte. O humor de Paula é retratado na maior parte do tempo como maníaco e além de ter um estilo de vida alternativo, também tem diversas crenças compostas por pensamentos mágicos, citando fadas, magias e espíritos ancestrais. Nesse sentido, a mãe de Alex também possui o EID de arrogância e grandiosidade constantemente ativado. Embora Paula nunca tenha tido sucesso ou retorno financeiro considerável na carreira artística, ela se entende como uma grande artista que não é famosa pois o mercado não compreende a grandiosidade

de seu espírito e de suas obras. Essa percepção de que os outros estão sempre conspirando contra sua felicidade e seu sucesso leva, inclusive, Paula a acusar, sem evidências, Alex de seduzir seu namorado. Nesse sentido, na cena em que Sean e Alex descobrem que Basil, companheiro de Paula, estava a enganando, Paula acusa Alex de estar feliz pelo que ocorreu, pois ela estaria constantemente conspirando contra sua mãe. Percebe-se que a jovem, além de, de fato se sentir triste pela mãe, encontra-se desesperada pois o trailer que sua mãe vivia era de Basil e agora ela não tem onde morar, cabendo a Alex a responsabilidade de procurar um lugar para morar com sua mãe e Maddy.

Pode-se entender que Alex está desenvolvendo um padrão autoderrotista em suas relações que remontam especialmente às falhas que ocorreram no domínio de desconexão e rejeição, uma vez que se verificam graves dificuldades na formação e manutenção de vínculos saudáveis. Além do EID de defectividade e vergonha explorado anteriormente, Alex também apresenta a ativação do esquema de desconfiança e abuso.

Na cena em que a protagonista busca o serviço de assistência social, quando Alex expõe que está sem um local para morar com sua filha - prerrogativa necessária para receber benefícios sociais - pois fugiu do ex-namorado, a assistente social sugere um encaminhamento para uma instituição de acolhimento e proteção a mulheres em situação de violência. Ainda, Alex é informada que para receber os benefícios governamentais voltados para pessoas em situação de vulnerabilidade social, precisa procurar um emprego, além de precisar estar empregada para que sua filha possa ter acesso a uma creche pública - mesmo que, paradoxalmente, para poder trabalhar ela precise que a filha esteja numa creche. A assistente social encaminha a jovem para um serviço de faxina terceirizado chamado “*Value Maids*”, que oferece condições de trabalho e um salário extremamente precários. Contudo, Alex afirma veementemente que não quer tirar a vaga de uma mulher que sofre violência “de verdade”, afirmando não ser vítima de violência. Nessa cena, novamente há um corte para as lembranças da protagonista, em que Sean atira diversos objetos em sua direção na última noite em que esteve com ele.

Em outros momentos, Alex também relembra que quando descobriu estar grávida de Sean, ele a expulsou do trailer e jogou todas as suas roupas na rua por ela ter se recusado a realizar um aborto, além de tê-la insultado e humilhado inúmeras vezes. Essa situação indica que Alex apresenta o esquema de

desconfiança/abuso. A presença do esquema de desconfiança e abuso entre mulheres vítimas de VD e sua influência na manutenção e permanência de relações abusivas e violentas é consistente na literatura (PAIM et al, 2012; CERQUEIRA e MENDES, 2021; CRAWFORD e WRIGHT, 2007; KHOSRAVI, ATTARIB e REZAEI, 2011). O esquema de desconfiança e abuso faz parte do primeiro domínio esquemático (desconexão e rejeição) e de acordo com Young, Klosko & Weishaar (2008, p. 27):

Pacientes com esquemas no domínio de desconexão e rejeição (especialmente os quatro primeiros esquemas) costumam sofrer os maiores danos. Muitos tiveram infâncias traumáticas e, como adultos, tendem a passar diretamente de um relacionamento autodestrutivo a outro, ou evitar por completo os relacionamentos íntimos. [...] Os pacientes com o esquema de desconfiança/abuso possuem a convicção de que, tendo oportunidade, outras pessoas irão usá-los para fins egoístas. Por exemplo, abusarão, magoarão, humilharão, mentirão, enganarão ou manipularão o paciente.

Um dos momentos que mais auxilia os espectadores a entender a série e a reflexão proposta é quando a protagonista tem uma forte ativação emocional que ajuda a elucidar as experiências disruptivas de sua infância. Nesse contexto, Alex vai fazer uma faxina na casa de uma senhora que morreu. Essa mulher é mãe de um jovem fugitivo da polícia há três anos que ficou famoso pelo apelido de Billie “*Barefoot*” (Billie Pés Descalços, em português) por roubar a casa de vizinhos e deixar marcas de pés descalços nas residências em que furtava especialmente alimentos. Billie era filho único e morava apenas com sua mãe antes de fugir e tornar-se um criminoso. Ao limpar a casa em que ele morava com sua mãe, Alex repara que o quarto de Billie tem fechaduras do lado de fora da porta, bem como os armários da cozinha também tem fechaduras, dando a entender que Billie era mantido em cativeiro e também era privado de comida. Essa situação leva Alex a um momento de epifania em que sente profunda compreensão pela vivência de Billie, entendendo que, embora não o conheça, para além dos furtos cometidos, há um histórico de abuso e violência cometido pela mãe por trás de seu comportamento. Ainda, enquanto realiza a faxina, a jovem observa que na casa há um pequeno porão e resolve entrar lá com uma vela e confirma sua hipótese de que a mãe de Billie o mantinha em cativeiro: nas paredes do porão minúsculo há desenhos feitos por uma criança, em que abusos físicos são retratados. Acidentalmente a porta do porão se fecha e Alex entra em pânico e começa a hiperventilar até sua colega abrir a porta para que ela possa sair e se acalmar.

Apesar da forte ativação emocional e do pavor sentido por Alex, visto que a casa precisava de vários dias para ser limpa completamente, a personagem teve a oportunidade de retornar lá novamente outro dia. Alex propositalmente entra dentro do porão, fecha a porta e novamente tem a ativação emocional. Contudo, dessa vez, buscando manejar os sintomas físicos da crise de pânico, consegue entrar em contato com uma memória chave para entender seus EIDs: o lugar escuro e apertado que despertou a ativação emocional remonta o armário da cozinha de sua casa, em que ela se escondia quando criança enquanto sua mãe era agredida por seu pai (Hank) - também alcoolista, como Sean.

Após Paula fugir com Alex para escapar das agressões de Hank, ele converteu-se à religião evangélica, parou de beber, se casou novamente e tem duas filhas pré-adolescentes no momento retratado na minissérie. Embora não se lembrasse das agressões que sua mãe sofria, Alex só procurava seu pai em caso de extrema necessidade. Embora tenha buscado sempre ser muito solícito quando sua filha precisava, Hank não a procurava pois culpava Paula pela ruptura do contato com Alex. No momento em que a protagonista consegue se lembrar que seu pai agredia sua mãe, Maddy e ela estavam morando na casa de Hank, pois Maddy desenvolveu uma doença respiratória devido ao mofo no local em que moravam - um apartamento subsidiado pelo governo que Alex conseguiu por meio das políticas de assistência social. Houve um princípio de reaproximação entre os dois. Porém, ao se lembrar das situações em que presenciou a violência doméstica sofrida por sua mãe, consternada, imediatamente Alex vai até a casa de seu pai, arruma suas malas, pega Maddy e vai embora. Quando Hank a questiona do porquê estar indo embora, gritando, ela diz que lembrou da razão pela qual sua mãe fugiu com ela para a comunidade *hippie* e disse para ele ficar longe dela e de sua filha. Hank ainda diz que Alex é igual a Paula, referindo-se a sua resposta emocional entendida por ele como instável, demonstrando nenhuma responsabilização frente às situações de VD que sua filha presenciou e o impacto em seu desenvolvimento, atribuindo as dificuldades de sua filha apenas aos problemas emocionais de Paula.

A série retrata que a relação de Alex com seu pai sempre foi perpassada pela desconfiança, mesmo que Paula não tenha contado que sofreu VD de seu pai e a personagem não lembrasse. Houve um grande esforço de Hank para tentar aproximar-se de Alex e oferecer ajuda à jovem, pois ela sempre foi muito resistente a receber ou solicitar ajuda de seu pai. Embora tenha ocorrido um movimento de

reaproximação entre pai e filha, a forte ativação emocional dos abusos sofridos por sua mãe engatilhou ainda mais as crenças de desconfiança de Alex. Tal situação dá outro indício do papel do EID de desconfiança/abuso entre mulheres vítimas de VD e seu impacto no que parece ser uma repetição transgeracional de padrões de relações interpessoais perpassadas pela violência. Nesse contexto, os indivíduos com um padrão de resignação das respostas frente ao esquema de abuso e desconfiança, acabam por, paradoxalmente, escolher parceiros abusivos e apresentarem uma postura de tolerância frente ao abuso, o que parece ocorrer com a personagem Alex (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR). A vitimização da VD acaba se tornando um ciclo vicioso pautado no funcionamento de permanência do esquema. Portanto, a crença de que os outros tentarão machucar e/ou abusar do indivíduo acaba levando a escolha de parceiros que venham a cumprir essa crença, enquanto a experiência de uma relação abusiva reforçará a crença de que, de fato, as pessoas irão agir intencionalmente para prejudicá-lo (CALVETE et al, 2018).

O estudo de Gibson e Francis (2019) analisou a relação entre os EIDs maternos e os de suas filhas, apontando que filhas cujas mães apresentam escores mais altos no domínio de desconexão e rejeição, pontuam igualmente, escores mais altos de EIDs no mesmo domínio, especialmente nos esquemas de abandono e desconfiança/abuso. Além disso, o estudo investigou a relação entre estilos parentais e a prevalência de EIDs nas filhas. Nesse sentido, pontua-se que os escores de EIDs no domínio de desconexão/rejeição entre as filhas está relacionado a estilos parentais permissivos, autoritários e superprotetores maternos. Tais achados demonstram que circunstâncias que ameacem as necessidades básicas da criança, dando origem a EIDs acompanham o indivíduo até a vida adulta, estendendo seus danos à próxima geração, demonstrando o caráter intergeracional que os EIDs podem assumir. Dessa forma, percebe-se também uma interlocução do estudo com a realidade apresentada na série *Maid*, uma vez que tanto Alex quanto sua mãe parecem apresentar uma resignação frente ao esquema de desconfiança e abuso, visto que ambas demonstram uma postura de tolerância frente a comportamentos abusivos de seus companheiros. Ainda, cabe pontuar que Paula assume um estilo parental bastante permissivo. Cabe salientar também que nesse ambiente o pai de Alex acabou não sendo presente e também não representou uma figura de cuidado saudável. Nesse sentido, a violência doméstica perpetrada por Hank e sofrida por Paula, que fez com que Alex precisasse fugir com sua mãe que

apresenta questões de saúde mental, provavelmente influenciou no estilo parental permissivo frente a impossibilidade de Paula conseguir estabelecer um ambiente seguro em que limites realistas pudessem ser aplicados à criação da jovem.

Percebe-se que a minissérie em diversos pontos desenvolve uma narrativa que se aproxima da realidade vivenciada pelas mulheres em situação de VD. Nesse sentido, as cenas que remontam o desenvolvimento dos personagens, da infância, passando pela adolescência até o momento presente retratado na narrativa, claramente enfocam nos aspectos emocionais e comportamentais dos personagens que engendram padrões disfuncionais em suas relações interpessoais. Os EIDs que podem ser identificados na série são parte especialmente do primeiro domínio esquemático, o que é sustentado na literatura como prevalente tanto entre perpetradores de VD contra mulheres quanto nas vítimas (GIBSON e FRANCIS, 2019; MEDEIROS e RIBAS, 2014; CALVETE et al, 2018; CALVETE, ESTÉVEZ e CORRAL, 2007; KHOSRAVI, ATTARI e REZAEI, 2011)

A série finaliza com Alex rompendo com a relação com a ajuda de uma advogada (Regina) que a jovem conheceu fazendo faxinas em sua casa através da “*Value Maids*”. Alex consegue a custódia de sua filha Maddy após Regina trazer evidências ao tribunal de que Sean não tem condições de cuidar da filha. Sean acaba por compreender que, de fato, não consegue cuidar de Maddy adequadamente em tempo integral por conta do alcoolismo e que, embora ele quisesse a custódia total de sua filha para “vingar-se” de Alex, seria melhor para o desenvolvimento de Maddy ser cuidada por sua mãe. A protagonista também é aprovada no processo seletivo de uma universidade em outro estado na qual ingressou como bolsista, sendo selecionada por meio de uma avaliação de seu livro de histórias que escreveu com base no que observava como faxineira na casa das pessoas. No livro, Alex descreve as personalidades, estilo de vida e segredos que ela tinha acesso por adentrar na casa das pessoas.

Finalmente, salienta-se que enquanto se organizava para conseguir o acesso à moradia estudantil universitária e uma creche pública para Maddy através de uma série de burocracias, Alex permaneceu em uma instituição de acolhimento para mulheres vítimas de VD. Denise, a coordenadora do abrigo, é uma personagem idosa que também foi vítima de VD. Além de oferecer abrigo para mulheres, o papel da instituição realmente é de acolhimento e proteção. Tanto a figura quase materna que Denise representa para as mulheres acolhidas quanto a instituição em si

contribuem para a flexibilização dos EIDs, estimulando a cura dos mesmos. Nesse sentido, o ambiente acolhedor e de empoderamento proporciona experiências que vão de encontro às vivências de invalidação emocional, privação e abuso reforçadoras dos EIDs vividos nos lares das mulheres acolhidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minissérie “*Maid*” traz diversas reflexões acerca da influência das experiências de cuidado e do ambiente familiar na infância e seus desdobramentos na vida adulta. A narrativa enfatiza, especialmente, a VD contra mulher como um padrão intergeracional influenciado tanto por fatores sociais e econômicos quanto pela perpetuação de percepções e comportamentos disfuncionais nas relações interpessoais. Pontua-se que a manutenção desse ciclo de violência acaba tendo como um de seus pilares as vivências nocivas precoces na infância, especialmente presenciar a VD. Além disso, os próprios desdobramentos da VD como a necessidade de fugir dessa situação, sem ter apoio financeiro e uma rede social, acaba colocando tanto a mulher quanto seus filhos em uma situação de vulnerabilidade social.

Sob a luz da TE, tal contexto de exposição a VD somado a outras circunstâncias que fragilizam a possibilidade de um cuidado que viabilize atender as necessidades básicas da criança acabam por impactar as percepções do indivíduo acerca de si mesmo, dos outros e a realidade que o cerca originando os Esquemas Iniciais Desadaptativos. Os EIDs por sua vez dão origem às respostas de enfrentamento que auxiliam a criança a se adaptar a tal contexto, contudo, na idade adulta, frente às circunstâncias que diferem do ambiente em que foram formados, tornam-se respostas desadaptativas que contribuem para a manutenção de padrões igualmente disfuncionais. No contexto de VD contra a mulher, assim como retratado pela minissérie, salienta-se o papel do domínio esquemático de desconexão e rejeição como mediador de percepções e comportamentos que influenciam na permanência em relações abusivas. Salienta-se que cabe igualmente compreender o papel das estruturas sociais e os discursos que sustentam tais configurações como reforçadores de crenças e comportamentos que influem nas situações de violência doméstica.

Ainda, cabe pontuar que a minissérie representa a realidade vivenciada por muitas mulheres em situação de VD, embora também tenha limitações. Salienta-se que a protagonista Alex é uma jovem de 25 anos, norte-americana, que apesar de encontrar-se em situação de vulnerabilidade social acaba sendo beneficiada pelos privilégios de ser branca e cisgênero em uma sociedade perpassada pelo racismo estrutural e pelas diferentes expressões da violência de gênero contra a comunidade LGBTQIA+.

Por fim, analisar a trajetória de vida de Alex, seus EIDs e de que maneira ocorre a complexa interação entre sua percepção da realidade, seu comportamento e a situação de VD retratada na série como um padrão intergeracional possibilita a reflexão acerca das possibilidades da intervenção baseada na TE no contexto de VD contra mulheres de que maneira esta pode ser utilizada para auxiliar no rompimento de padrões violentos nas relações interpessoais.

REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Daniela et al. Contribuições da Terapia do Esquema em relacionamentos conjugais abusivos: uma revisão narrativa. PSI UNISC, v. 5, n. 1, p. 51-67, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i1.15386>> Acesso em: 2 jan. 2023.

BARRIOS, Yasmin V. et al. Association of childhood physical and sexual abuse with intimate partner violence, poor general health and depressive symptoms among pregnant women. PloS one, v. 10, n. 1, p. e0116609, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0116609>> Acesso em: 2 jan. 2023.

BRASIL. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>>. Acesso em: 2 jan. 2022.

CALVETE, Esther et al. Maladaptive schemas as mediators of the relationship between previous victimizations in the family and dating violence victimization in adolescents. Child abuse & neglect, v. 81, p. 161-169, 2018.

CALVETE, Esther; ESTÉVEZ, Ana; CORRAL, Susana. Intimate partner violence and depressive symptoms in women: Cognitive schemas as moderators and mediators. Behaviour research and therapy, v. 45, n. 4, p. 791-804, 2007.

CERQUEIRA, Luiza Caroline Dias; MENDES, Dionéia Luciane. Os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) de mulheres em situação de violência conjugal e a terapia do esquema como estratégia de intervenção: uma revisão sistemática da literatura. Revista Perspectiva: Ciência e Saúde, v. 7, n. 1, 2022. Recuperado de: <<http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/604/489>> Acesso em: 2 jan. 2023.

CRAWFORD, Emily; WRIGHT, Margaret O.'Dougherty. The impact of childhood psychological maltreatment on interpersonal schemas and subsequent experiences of relationship aggression. Journal of Emotional Abuse, v. 7, n. 2, p. 93-116, 2007.

DANIELSON, Kirstie K. et al. Comorbidity between abuse of an adult and DSM-III-R mental disorders: evidence from an epidemiological study. American Journal of Psychiatry, v. 155, n. 1, p. 131-133, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1176/ajp.155.1.131>> Acesso em: 2 jan. 2023.

DILLON, Gina et al. Mental and physical health and intimate partner violence against women: A review of the literature. International Journal of Family Medicine, 2013.

Artigo 313909. Disponível em: <<https://doi.org/10.1155/2013/313909>> Acesso em: 2 jan. 2023

DUBE, Shanta R. et al. Exposure to abuse, neglect, and household dysfunction among adults who witnessed intimate partner violence as children: implications for health and social services. *Violence and victims*, v. 17, n. 1, p. 3-17, 2002.

DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. A Primavera das mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas. *Revista Feminismos*, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30292>> Acesso em: 2 jan. 2023

DUTRA, Maria de Lourdes et al. A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, p. 1293-1304, 2013. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000500014> > Acesso em: 2 jan. 2023.

EHRENSAFT, Miriam K. et al. Intergenerational transmission of partner violence: a 20-year prospective study. *Journal of consulting and clinical psychology*, v. 71, n. 4, p. 741, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/0022-006X.71.4.741>> Acesso em: 2 jan. 2023

FRY, Deborah et al. The relationships between violence in childhood and educational outcomes: A global systematic review and meta-analysis. *Child abuse & neglect*, v. 75, p. 6-28, 2018.

GEBAUER, Gunter; WULF, Christoph. *Mimesis: Culture Art Society*. University of California Press, 1995.

GIBSON, Madeline; FRANCIS, Andrew J.P. Intergenerational transfer of early maladaptive schemas in mother–daughter dyads, and the role of parenting. *Cognitive Therapy and Research*, v. 43, n. 4, p. 737-747, 2019.

HALIM, Nafisa et al. Intimate partner violence during pregnancy and perinatal mental disorders in low and lower middle income countries: A systematic review of literature, 1990–2017. *Clinical psychology review*, v. 66, p. 117-135, 2018.

HUERTA, Rosa et al. Esquemas cognitivos disfuncionales y dependencia emocional en mujeres con y sin violencia en la relación de pareja de la ciudad de Lima. *Revista de investigación en psicología*, v. 19, n. 2, p. 145-162, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.15381/rinvp.v19i2.12895>> Acesso em 2 jan. 2023.

JAFFEE, Sara R. et al. Safe, stable, nurturing relationships break the intergenerational cycle of abuse: A prospective nationally representative cohort of

children in the United Kingdom. *Journal of Adolescent Health*, v. 53, n. 4, p. S4-S10, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.04.007>> Acesso em: 2 jan. 2023

KHOSRAVI, Zohreh; ATTARI, Azadeh; REZAEI, Somaye. Intimate partner violence in relation to early maladaptive schemas in a group of outpatient Iranian women. *Procedia-social and behavioral sciences*, v. 30, p. 1374-1377, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.10.266>> Acesso em: 2 jan. 2023.

LAURETIS, Teresa de. *Alice doesn't: Feminism, semiotics, cinema*. Indiana University Press, 1984.

Lei nº. 11.340, de 7 de ago. de 2006. Lei Maria da Penha cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 2 jan. 2023.

LISPECTOR, Clarisse. Obsessão. In: **A bela e a fera**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 41-82.

LLOYD, Susan. The effects of domestic violence on women's employment. *Law & Policy*, v. 19, n. 2, p. 139-167, 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/1467-9930.00025>> Acesso em: 2 jan. 2023

MEDEIROS, Leila Maria Vieira; RIBAS, Valdenilson Ribeiro. Early maladaptive schemas of women who are victims of domestic violence in pernambuco/brazil. *Neurobiologia*, v. 77, p. 1-2, 2014. Recuperado de: <https://www.researchgate.net/publication/341451848_Early_maladaptive_schemas_of_women_who_are_victims_of_domestic_violence_in_PernambucoBrazil> Acesso em: 2 jan. 2023.

MAGALHÃES, Raphaella Stephannie Rosa et al. Relacionamentos abusivos à luz da terapia dos esquemas: uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 14, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36131>> Acesso em: 2 jan 2023.

MINA, Theresia H.; REYNOLDS, Rebecca M. Mechanisms linking in utero stress to altered offspring behaviour. In: *Behavioral Neurobiology of Stress-related Disorders*. Springer, Berlin, Heidelberg, 2014. p. 93-122.

PAIM, Kelly; CARDOSO, Bruno Luiz Avelino. *Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção*. Artmed Editora, 2019.

PAIM, Kelly; MADALENA, Marcela; FALCKE, Denise. Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 8, n. 1, p. 31-39, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jan. 2023.

PIRES, Maria da Conceição Francisca; SILVA, Sergio Luiz Pereira da. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. *Educação & Sociedade*, v. 35, p. 607-616, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000200015>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em perspectiva*, v. 13, p. 82-91, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>> Acesso em 2 jan 2023.

SANCHEZ, Sixto E. et al. Risk of spontaneous preterm birth in relation to maternal exposure to intimate partner violence during pregnancy in Peru. *Maternal and child health journal*, v. 17, n. 3, p. 485-492, 2013.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Recuperado de <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SCHRAIBER, Lilia Blima; BARROS, Cláudia Renata dos Santos; CASTILHO, Euclides Ayres de. Violência contra as mulheres por parceiros íntimos: usos de serviços de saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia* [online]. 2010, v. 13, n. 2, p. 237-245. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-790X2010000200006>>. Acesso em 2 jan. 2023

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0197/2021.v7i1.7948>> Acesso em: 2 jan. 2023.

WAINER, Ricardo et al. *Terapia cognitiva focada em esquemas*. Artmed Editora, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women, 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789240022256>> Acesso em: 2 jan. 2023.

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Artmed Editora, 2009.

NUP: 23081.010654/2023-99

Prioridade: Normal

Homologação de ata de defesa de TCC e estágio de graduação

125.322 - Bancas examinadoras de TCC: indicação e atuação

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
16	Trabalho de conclusão de curso (TCC) (125.32)	Trabalho de conclusão de curso de Claudia Schramm Scaramussa CORRIGIDO.pdf

Assinaturas

06/03/2023 14:26:18

CLAUDIA SCHRAMM SCARAMUSSA (Aluno de Pós-Graduação)
06.10.39.01.0.0 - PG - Psicologia - Mestrado Acadêmico - 42002010046M9

07/03/2023 11:09:21

SAMARA SILVA DOS SANTOS (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)
06.41.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - DPSI

Código Verificador: 2433888

Código CRC: 2c5bc353

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

